



LEMBRANÇA
14 JUL
2005

AS GLÓRIAS VÊM DO PASSADO

Em tempos difíceis, lembramos os dez anos da conquista do Tri da Libertadores [p.14](#)

ENTREVISTAS

Entrevistas exclusivas com os heróis Amoroso, Luizão e Alex Bruno [p.18](#)

Expediente

Vinicius Ramalho – Editor Chefe e Jornalista
Responsável (MTB 73523)
Gustavo Ramalho – Colunista e Editor
Leonardo Léo – Colunista e Repórter
Magno Nunes - Colunista e Repórter

Colunistas: Bruno Fekuri,
Alexandre Flávio, Fabrício Gomes, Alberto
Silva, Ulises Cardenas, Jussara Araujo, Renato
Ferreira, Thiago Moura e Roney Altieri.

Coluna Arte Tricolor: Lucas Martins
Erika Ostorari – Projeto gráfico
Alexandre Ramos – Soluções Digitais, Revisão
Capa - Luiz Falcão

Número 30/2015 - Ano 03
Periodicidade mensal
Fechamento da edição: 06 de julho de 2015

@RevistaTMQ

facebook.com/RevistaTMQ

Instagram: revistatmqoficial

www.revistatmq.com.br

A Revista TMQ é uma publicação independente, onde as opiniões expressas são de responsabilidade dos colunistas.

Anuncie na Revista TMQ
publicidade@revistatmq.com.br

É PRECISO RESPEITO COM A HISTÓRIA TRICOLOR

Neste editorial não falarei da soberba e do termo Soberano. Falarei do tamanho do São Paulo, das suas conquistas, mas, acima de tudo, do seu modelo de organização, que muitas vezes deixou o clube à frente dos demais no país, no continente e se igualando aos grandes do futebol mundial.

O São Paulo sempre prezou pela sua história; por um patrimônio gigantesco coroado com a construção do Morumbi, nossa casa; por um clube que nunca deixou de honrar seus compromissos e sempre entrou para ser campeão das competições que disputa.

Nos últimos anos essa realidade vem mudando e o Tricolor Mais Querido começa a cair na vala comum. Salários atrasados, elenco em desmanche, a tal reforma do Morumbi que só aparece em alguns momentos como cortina de fumaça e alguns que até chegam ao ponto de achar normal uma derrota em determinado estádio com o argumento de que nunca vencemos lá. O SÃO PAULO PRECISA ENTRAR PARA GANHAR EM QUALQUER ESTÁDIO DO PLANETA, CONTRA QUALQUER ADVERSÁRIO.

Não à toa nossos títulos mundiais foram ganhos em cima de gigantes do futebol espanhol, italiano e inglês.

Algumas ações de marketing começam a aparecer e nos dão a esperança de que podemos voltar a ser o São Paulo de vanguarda. Que venha logo o novo sócio torcedor, importante fonte de renda para o clube, que precisa ser mais atrativo a fim de chegar em um grande número de torcedores espalhados pelos quatro cantos do país.

Que Cotia realmente sirva como um grande celeiro de craques que nos tragam títulos e, também, um bom dinheiro na transferência de jogadores para fora do país.

A torcida precisa voltar a lotar o Morumbi. Para cobrar sim, mas, depois de apoiar. O momento é preocupante e nós precisamos fazer nossa parte, até para que as pessoas que dirigem o São Paulo saibam que estão sendo vigiadas e que não podem brincar de administrar o clube, pensando só em brigas políticas que alimentam o ego de quem só pensa no poder.

Essa é a postura da revista mais tricolor da web, feita por torcedores e para torcedores. Por isso, neste editorial, não falei das colunas que você está acostumado a ver em nossas páginas. Está tudo aí para você que acompanha esse nosso sério trabalho.

O carro chefe desta edição é a lembrança dos 10 anos do tricampeonato da Libertadores, em que falamos com Amoroso, Luizão e Alex Bruno e sentimos saudades dos tempos que nos tornamos o clube mais vitorioso da história do futebol brasileiro.

O Tricolor não vai acabar, porque é gigante. Mas, em alguns momentos, ele “deixa de existir”; e no dia em que ele deixa de existir, temos medo de não sorrir nunca mais.



VINÍCIUS RAMALHO
editor chefe

NESTA EDIÇÃO

TRICOLADAS	04	ESQUECIDOS	29
		Luis Carlos	
ESPECIAL	06	CRÔNICA DO MAGNO	30
A última chance		Onde está Auro?	
PÓS-JOGO	08	CONTE SUA HISTÓRIA	32
		Gabriel Passos Perecini	
TRICOLOR EM NÚMEROS	12	ARTE TRICOLOR	34
CALENDÁRIO TRICOLOR	13	TRICOLOR DE CABECEIRA	35
Fernanda Szytko		Os dez mais do São Paulo	
CAPA	14	BAU TRICOLOR	36
Saudades: dez anos da conquista da América		Trinta anos de um futebol alegre e competitivo	
ENTREVISTA	18	ANÁLISE	38
Amoroso, Luizão e Alex Bruno		Onde está o diretor de futebol?	
ENTREVISTA	26	ANÁLISE EM TRÊS CORES	39
Bruno Abilel - Under Armour		Alguém acenda a luz	
ETERNIZADOS	28		
Júnior			

TRICOLADAS

01.06.2015 a 02.07.2015

OSORIO CONHECENDO A TURBULÊNCIA

A situação financeira preocupante do São Paulo pegou o técnico Juan Carlos Osorio de surpresa. O colombiano não escondeu o desconforto por ter que lidar com salários atrasados e venda de jogadores justamente no período em que o time brigava pela liderança do campeonato. Chegou-se até a especular que o treinador deixaria o São Paulo caso o pagamento dos salários não fossem acertados no dia 10.

Osorio tratou de afastar os boatos, garantiu que fica e mostrou surpresa com a atual situação: "Em nenhum momento, não passou pela minha cabeça e nem na cabeça dos meus auxiliares. Estamos muito orgulhosos de estarmos aqui. Tenho certeza de que poderemos reverter a situação e o time voltará a ganhar."

"Uma coisa que acho importante e vou falar em castelhano para ficar claro. Não falo que mentiram para mim. Mas tampouco me falaram da situação econômica tão delicada do clube. Eu não sabia. É diferente. Não me enganaram, mas também não me disseram. Agora entendo melhor.

Mas não pensava que o problema econômico era tão grande e que tínhamos de perder três jogadores ao mesmo tempo. Eu entendia um, mas três é muito difícil. Eu expliquei bem?"



Foto: divulgação/Site oficial SPFC

Pra ficar, menos grana no bolso

Alexandre Pato terá que aceitar a diminuição do seu salário para ser contratado em definitivo pelo São Paulo. Atualmente, o atacante pertence ao SCCP e está emprestado ao Tricolor até dezembro de 2015. Com um vencimento mensal de R\$ 800 mil, cada clube arca com metade desse valor. O presidente Carlos Miguel Aidar revelou que a proposta para Pato seguir no Morumbi é diminuir em um pouco menos da metade seus vencimentos.

VOU JOGAR NO MORUMBI

No final de junho, alguns torcedores realizaram um sonho: jogar no Morumbi ao lado de Rogério Ceni. Em ação da agência de turismo oficial do clube, a Passaporte FC, alguns são paulinos tabelaram com o M1to, marcaram gols, com direito a usar o vestiário oficial, hino nacional, narração e parceria com Careca, Muller, Pita, Pavão e Aloísio Chulapa. Tudo isso com direito a palestra de Rogério Ceni, em que os presentes se emocionaram com a história da carreira do maior ídolo da história tricolor.



Pago quando puder

Ataíde Gil Guerreiro admitiu que o São Paulo ainda deve direitos de imagem aos seus jogadores. Em entrevista à Rádio Globo, o vice-presidente de futebol do clube lamentou a situação financeira vivida pelo clube. Por outro lado, prometeu quitar o mais breve possível. Fato é que se as dívidas não forem quitadas até o próximo dia 10, o clube chegará ao quarto mês de atraso com os jogadores.



O colecionador de recordes

A vitória do São Paulo por 2 a 0 sobre o Grêmio fez o time alcançar marcas históricas. Rogério Ceni, de pênalti, e Luis Fabiano construíram o resultado. Agora, o goleiro tem 129 gols, ultrapassou Raí e se isolou como 10º artilheiro de todos os tempos. O próximo na lista é Maurinho, atacante que atuou na década de 50 e é o 9º artilheiro, com 136 gols.

BEM-VINDO DE VOLTA

O São Paulo terá o reforço de um velho conhecido para o restante da temporada. Revelado na base tricolor, o volante João Schmidt retorna do empréstimo ao Vitória de Setúbal, de Portugal, e está à disposição para o técnico Juan Carlos Osorio. João Schmidt foi destaque do Vitória de Setúbal na última temporada. Mesmo sendo volante, o jogador terminou o campeonato como artilheiro do time, com oito gols



Foto: Site oficial SPFC

Paulo Miranda de saída

De malas prontas para o futebol europeu, o zagueiro Paulo Miranda usou as redes sociais para se despedir do torcedor tricolor e dos companheiros de clube. “Queria agradecer ao São Paulo Futebol Clube por todos esses anos de parceria. Saio agora para um novo desafio, mas levarei todos no coração. Obrigado a cada jogador, toda comissão e diretoria neste período. Fiquem com Deus!!

Estaremos juntos” – escreveu o jogador.

Paulo Miranda acertou com o RB Salzburg, da Áustria, por € 2,7 milhões. O clube tricolor tem direito a 40% desse valor

Souza também saiu...

Autor de dois gols importantes nesse início de Brasileirão, o volante Souza também se despediu do Tricolor. O motivo é uma transferência para o Fenerbahçe, da Turquia. O valor oferecido é de 8 milhões de euros (R\$ 27,6 milhões). Uma cláusula no contrato do volante deixou o São Paulo de mãos atadas. No acordo, há um termo que obriga o Tricolor a liberar Souza caso receba oferta igual ou superior aos 8 milhões de euros que o clube turco está oferecendo. Assim será...

Foi, mas voltou

Rodrigo Caio viajou para a Espanha com acerto encaminhado com o Valência, mas chegando lá a situação não se concretizou. Divergências contratuais e dúvidas quanto à condição física do atleta atravancaram o negócio. De volta, o jogador se manifestou sobre a negociação frustrada:

“Fico triste pela forma como meus empresários conduziram todas as coisas. Acho que não foi a forma mais correta. Mas o mais importante é que estou na minha casa. Volto com a cabeça focada. Estou num clube muito grande, onde fui formado desde moleque. Minha cabeça hoje está somente no São Paulo.

Denílson nos Emirados

Depois de Paulo Miranda, o volante Denilson está fora do São Paulo. O jogador aceitou a proposta salarial do Al Wahda, clube dos Emirados Árabes que desembolsará 3,1 milhões (R\$ 10 milhões) pelo atleta

TRICOLOR NA TERRA DO SOCCER



St. Petersburg, FL, USA & São Paulo, Brazil

Com o principal objetivo de fortalecer o nome do clube na América do Norte, o São Paulo anunciou uma parceria com o Tampa Bay Rowdies, equipe que disputa a NASL, considerada a segunda divisão do futebol norte-americano.

O evento foi realizado em St. Petersburg e contou com a presença do mandatário tricolor, Carlos Miguel Aidar.



HOMENAGEM DO MITO

Décimo maior artilheiro da história do São Paulo, Rogério Ceni prestou homenagem a Rai. Em vídeo postado no Facebook, o goleiro disse que presenteará o meia com as chuteiras usadas contra o Santos, quando empatou com ex-camisa 10, com um gol de pênalti.



A ÚLTIMA CHANCE

Rogério vai se aposentar. Luis Fabiano, Ganso e Pato podem ir embora. Mas antes disso acontecer o quarteto tem a chance de conquistar o Campeonato Brasileiro e garantir permanência no Maior do Mundo.

por LEONARDO LÉO

Por razões diferentes, os principais jogadores do São Paulo têm a última chance de conquistar um grande título vestindo o manto sagrado.

O maior ídolo da história do clube quer mais um título jogando pelo time pelo qual defendeu por vinte e cinco anos da sua vida. O terceiro maior artilheiro da história do clube quer ganhar um grande título pelo Tricolor. O camisa 10, apontado um dia como Maestro, quer um título expressivo para voltar a brilhar e ser tachado como craque novamente, e o atacante que pertence a um rival quer dar uma resposta ao clube detentor do seu passe para se vingar, cravar seu nome na história do São Paulo e, quem sabe, voltar à seleção.

Com exceção do Mito Rogério Ceni, será que realmente eles querem isso?

A história de Rogério Ceni, o maior goleiro-artilheiro no mundo, já está escrita. Títulos, recordes, gols, defesas e amor à camisa, levaram Rogério ao status de maior jogador da história do São Paulo Futebol Clube.

LUIS, GANSO E PATO PODEM NOS LEVAR AO CÉU... OU AO INFERNO

Mas o Mito não quer parar por aí.

Empolgado pela ótima campanha no Campeonato Brasileiro do ano passado e deslumbrado pela disputa de mais uma Libertadores, o camisa 01 resolveu adiar a sua aposentadoria e seguir na meta são-paulina.

O sonho do tetra campeonato da América morreu nos gramados do Mineirão. Mas, o capitão Tricolor - que segue jogando em alto nível, garantido vitórias importantes com gols e defesas - decidiu mais uma vez espalmar a aposentadoria e segue até dezembro no Morumbi.

Ele fica. Para o seu próprio bem, para o bem do futebol e para o bem da nação tricolor, que vê na permanência de seu maior ídolo a esperança de ser campeão no final do ano.

É a última chance do Rogério ser campeão mais uma vez.

E mesmo às vezes parecendo ser muito mais um super-herói do que apenas um goleiro, Ceni nunca conquistou nada sozinho. Foi assim nos paulistas de 1998 e 2000, em que o arqueiro são-paulino precisou da ajuda de Raí; assim como precisou da ajuda de Lugano e Amoroso para conquistar a América e o Mundo em 2005; e de Muricy, Miranda e Aloísio para conquistar, por três vezes, o campeonato brasileiro.

E, agora, quem pode ajudar o Mito a conquistar mais um campeonato brasileiro?

Um centroavante Fabuloso, um maestro e um atacante rápido e matador? Para que isso aconteça, um pipoqueiro, um dorminhoco

e um atacante sem ambição, não podem atrapalhar.

E aí, nação vermelha, branca e preta, em quem devemos confiar? Num trio que está disposto a escrever história junto com o Mito ou num trio desprezível que vai fazer parte de uma geração que não conquistou nada pelo Tricolor do Morumbi?

Luis Fabiano já marcou 208 gols pelo São Paulo e atualmente é o terceiro maior artilheiro da história do Tricolor do Morumbi. E, mesmo estando na história do clube por tantos gols anotados, talvez nunca um jogador tenha dividido tanto a opinião da torcida são-paulina como Luis Fabiano.

Para metade da torcida, o camisa 9 é um ídolo Fabuloso e tem sim a sua importância na história do clube, por conta de tantos gols marcados, principalmente em clássicos contra os arquirrivais.

Já para a outra metade, Luis não passa de um jogador pipoqueiro e que agora, além de sofrer com a fama de deixar o time na mão por conta do seu "destemperamento", sofre com o histórico de lesões.

Aos 34 anos, Luis Fabiano tem seu contrato encerrado no fim deste ano e, ainda sem saber se fica ou se vai embora, o campeonato brasileiro é a última chance de Luis Fabiano conquistar um grande título pelo São Paulo, a quem o camisa 9 declarou seu amor e em que um dia preferiu voltar a jogar do que num rival preto e branco.

É a última chance do Fabuloso.

Paulo Henrique Ganso brilhou no SFC ainda jovem e, mesmo após duas graves lesões no joelho, despertou interesse do Tricolor e, depois de uma longa negociação, o meia à moda antiga subiu a serra e foi desfilar o seu talento no Morumbi.

Com uma grande responsabilidade em suas costas, o camisa 10, que está no São Paulo desde 2012, viveu bons e maus momentos com a camisa mais pesada do Brasil.

Com lampejos de genialidade e partidas em que some dentro de campo, Ganso não é mais unanimidade perante a torcida e pode deixar o São Paulo, até mesmo para outro clube brasileiro. Talvez o campeonato brasileiro seja o último grande teste para o craque.

É a última chance de Ganso.

O atacante Alexandre Pato, que assim como Luis Fabiano vê o seu contrato com Tricolor se encerrar ao final da temporada, enxerga neste Brasileirão a última grande chance de sagrar-se campeão.

Ninguém duvida do talento e da capacidade de fazer gols do atacante que um dia brilhou no Milan. Resta saber se ele tem ambição e disposição para ser campeão e entrar na história do Tricolor.

É a última chance de Pato.

É a última chance deles. Não é a nossa. Os jogadores vão, o clube fica. Mas, para sermos campeões este ano, eles não podem jogar essa chance de ouro fora.

Boa sorte!

PÓS-JOGO

03.06.15 a 28.06.15

São Paulo 3 x 2 Santos

03 de junho de 2015



X



Público: 13.847

Renda: R\$ 420.465,00

Estádio: Morumbi

GOLS: SFC: Ricardo Oliveira, aos 46 minutos do primeiro tempo e a 1 minuto do segundo tempo; SÃO PAULO: Michel Bastos, aos 33 minutos do primeiro tempo. Paulo Miranda, aos 5, e Rogério Ceni, aos 39 minutos do segundo tempo

SÃO PAULO: Rogério Ceni; Bruno (Hudson), Paulo Miranda, Dória e Carlinhos; Denilson, Souza, Thiago Mendes (Centurión), Michel Bastos e Ganso; Alexandre Pato (Luis Fabiano)

Mais uma vitória com assinatura de Rogério Ceni. No primeiro tempo do clássico realizado no Morumbi, o Tricolor mandou no jogo e saiu na frente em boa cobrança de falta de Michel Bastos. Jogando em casa, o São Paulo teve chances de ampliar o placar, mas vacilou e acabou cedendo o empate antes do intervalo em rebote após cobrança de pênalti. Na volta para a etapa final, o SFC ficou na frente em falha do M1to, o São Paulo empatou com Paulo Miranda e Rogério brilhou ao virar o marcador em cobrança de pênalti, chegando a 128 gols na carreira.

São Paulo 2 x 0 Grêmio

06 de junho de 2015



X



Público: 16.952

Renda: R\$ 529.630,00

Estádio: Morumbi

GOLS: SÃO PAULO: Luis Fabiano, aos 26 minutos do primeiro tempo, e Rogério Ceni (pênalti), aos oito minutos do segundo tempo

SÃO PAULO: Rogério Ceni; Bruno, Rodrigo Caio, Dória e Carlinhos; Denilson (Hudson), Souza (Thiago Mendes), Ganso, Wesley e Michel Bastos (Reinaldo); Luis Fabiano

Técnico: Juan Carlos Osorio

Uma vitória por 2 a 0 sobre o Grêmio com direito a mais um gol de Rogério Ceni e outro de Luis Fabiano. Um resultado responsável por colocar o São Paulo na vice-liderança provisória do Campeonato Brasileiro. A era Osorio no clube começou da melhor maneira possível. Na estreia, o colombiano viu o time mandar no jogo e, em alguns momentos, colocar em prática as ideias mencionadas por ele durante a semana em que chegou ao Tricolor.

Chapecoense 0 x 1 São Paulo

13 de junho de 2015



X



Público: Não disponível Renda: Não disponível
Estádio: Arena Condá (Chapecó- SC)

GOL: SÃO PAULO: Souza, aos cinco minutos do primeiro tempo

SÃO PAULO: Rogério Ceni; Bruno, Rafael Tolo, Dória e Reinaldo (Alexandre Pato); Hudson (Wesley), Souza e Michel Bastos; Thiago Mendes e Carlinhos (Auro); Luis Fabiano

Técnico: Juan Carlos Osorio

No seu segundo jogo à frente do São Paulo, o técnico colombiano Juan Carlos Osorio conseguiu uma importante vitória sobre a Chapecoense, por 1 a 0, na Arena Condá, em Chapecó. Com o resultado, o Tricolor Paulista chegou à liderança do Campeonato Brasileiro, com 18 pontos. O gol da vitória foi feito pelo voltante Souza, com uma patada de fora da área.

São Paulo 1 x 1 Avaí

21 de junho de 2015



X



Público: 21.364 Renda: R\$ 639.175,00
Estádio: Morumbi

GOLS: SÃO PAULO: Souza, aos 9 minutos do segundo tempo; AVAÍ: André Lima, aos 44 minutos do segundo tempo

SÃO PAULO: Renan Ribeiro; Bruno, Rafael Tolo, Dória e Carlinhos; Hudson, Souza, Thiago Mendes (Edson Silva), Ganso e Michel Bastos; Alexandre Pato (Centurión)

Técnico: Juan Carlos Osorio

O São Paulo estava retomando a liderança do Campeonato Brasileiro até os 43 minutos do segundo tempo, quando André Lima, velho conhecido da torcida tricolor, girou em cima da zaga e chutou para marcar o gol de empate do Avaí. O 1 a 1 na tarde ensolarada de domingo estragou a festa dos pouco mais de 20 mil torcedores presentes no Morumbi.

PÓS-JOGO

06.05.15 a 31.05.15

SEP 4 x 0 São Paulo

28 de junho de 2015



X



Público: 29.333 Renda: 1.989.100,00
Estádio: Palestra Itália (São Paulo - SP)

GOLS: SEP: Leandro Pereira, aos 31 minutos do primeiro tempo; Victor Ramos, aos 42 minutos do primeiro tempo; Rafael Marques, aos 12 minutos do segundo tempo e Cristaldo, aos 26 minutos do segundo tempo

SÃO PAULO: Rogério Ceni; Bruno, Rafael Tolo, Dória e Carlinhos; Hudson (Centurión), Souza, Ganso e Michel Bastos; Alexandre Pato (Thiago Mendes) e Luis Fabiano

Técnico: Juan Carlos Osorio

Com dois atacantes – Luis Fabiano e Alexandre Pato foram escalados no time titular – o São Paulo até foi melhor que os donos da casa no início da partida. Mas bastou sofrer o gol em um chute desprezível de fora da área, que desviou em Souza e matou Rogério Ceni para a pane se estabelecer no time comandado por Osorio. O técnico colombiano aliás, acabou expulso por reclamação e teve que ver de fora mais uma derrota vexatória em clássico.

SÓ NÓS SABEMOS A EMOÇÃO DE TORCER PRO TRICOLOR



TODOS TÊM GOLEIROS.
SÓ NÓS TEMOS O GOLEIRO ARTILHEIRO.

TODOS TIVERAM TÉCNICOS.
MAS SÓ NÓS TIVEMOS TELÉ.

TODOS TÊM RIVAIS.
MAS SÓ NÓS RIVALIZAMOS
COM BARCELONA, MILAN E LIVERPOOL.

SER SÃO PAULINO É UMA EXPERIÊNCIA
ÚNICA. NÓS MERECEMOS MUITO MAIS
QUE UM SIMPLES UNIFORME.

TODOS TÊM UNIFORMES,
SÓ NÓS TEMOS ARMADURA.

GARANTA SUA NOVA CAMISA DO TRICOLOR.



NETSHOES



TRICOLOR EM NÚMEROS

01.06.15 a 30.06.15



Jogos



Vitórias



Empates



Derrotas



GP



GC

No período

5

3

1

1

7

7

No ano

36

22

4

10

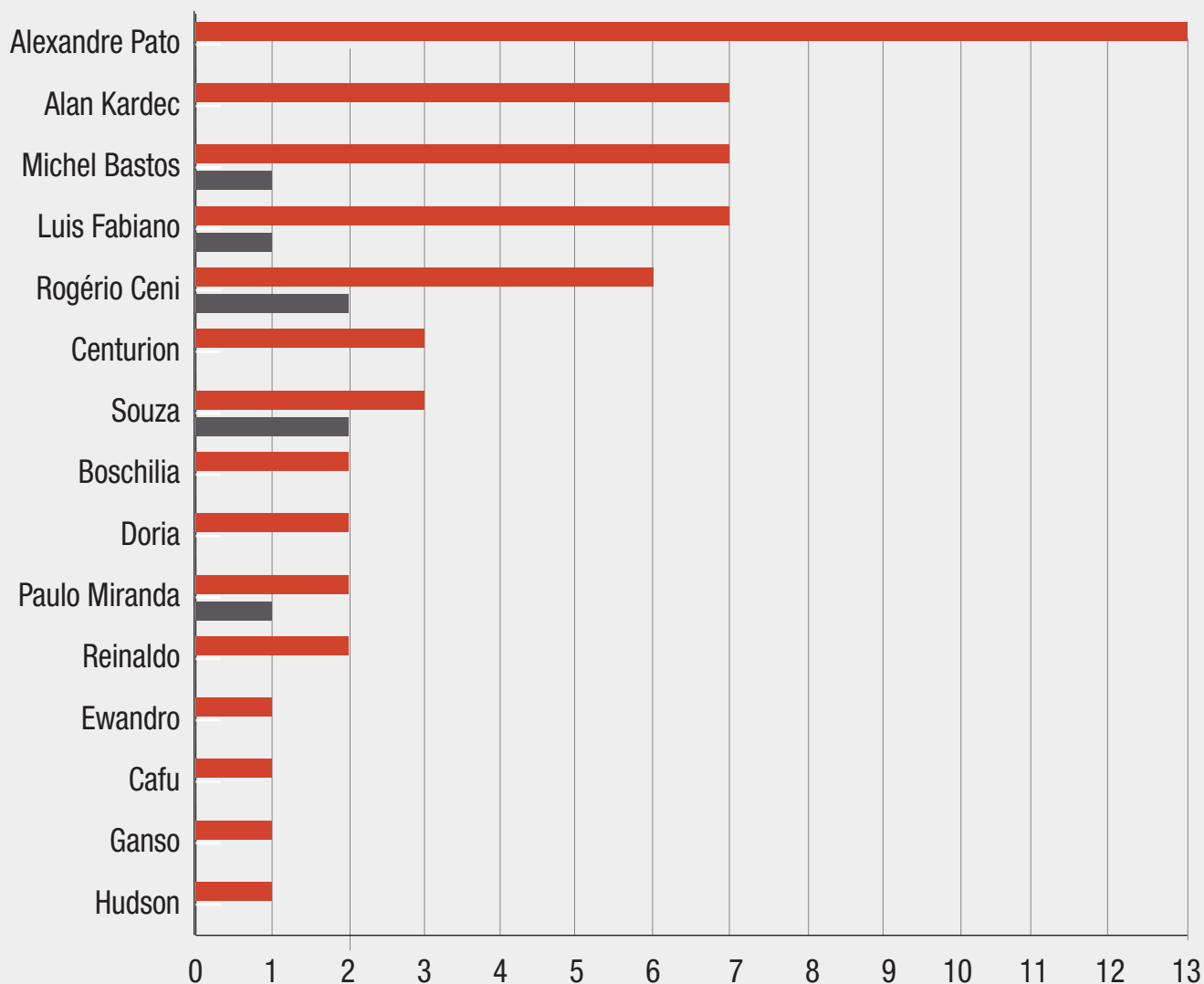
58

28

Artilheiros

 no ano

 no período



JULHO

2015

D	S	T	Q	Q	S	S
			1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

 Campeonato Brasileiro

01/07 - 22:00 - Atlético PR x São Paulo - Arena da Baixada

05/07 - 16:00 - São Paulo x Fluminense - Morumbi

08/07 - 22:00 - Vasco x São Paulo - São Januário

12/07 - 11:00 - São Paulo x Coritiba - Morumbi




19/07 - 16:00 - Sport x São Paulo - Ilha do Retiro

26/07 - 16:00 - São Paulo x Cruzeiro - Morumbi

Fernanda Szytko

@FerSzytko



f [arquibancada](#)  www.arquibancadatricolor.com.br
t [@arquitricolor](#)  [arquibantube](#)  [arqtricolor](#)





JÁ FAZ 10 ANOS QUE NÃO



MANDAMOS NA AMÉRICA...

O mês de julho marca a data que conquistamos a Libertadores pela última vez. Boas lembranças e uma esperança cada vez mais distante, de que esses dias de alegria voltem a ser rotina para o Tricolor Mais Querido.

por VINÍCIUS RAMALHO

No dia 14 de julho de 2005, um Morumbi tomado por torcedores que queriam voltar a ver a Taça Libertadores na nosso memorial, vinha abaixo com um jogo que teve um placar de 4 a 0, mas com um roteiro de muita emoção para os mais de 70 mil tricólores presentes à casa Sacrossanta.

A vitória sobre o Atlético Paranaense colocava fim a uma campanha que teve muitos percalços, mas que terminou com êxito.

Em dias de uma administração que nem de longe lembra os tempos de Marcelo Portugal Gouvêa, de jogadores de muito nome, mas que não chegam nem perto da entrega de nomes que faziam parte daquele elenco, não podemos nos esquecer e exaltar uma campanha tão vitoriosa como aquela que colocou o São Paulo no topo da América depois de 12 anos.

Por isso a revista mais tricolor da web foi conversar com três heróis que fizeram parte daquela história.

14 DE JULHO DE 2005: O DIA QUE O SPFC SE TORNOU TRICAMPEÃO DA LIBERTADORES

Se não eram jogadores midiáticos, muitos queriam mostrar seu valor e entrar para a história do clube mais vitorioso da história do futebol brasileiro. Confira nossa matéria especial dos 10 anos do Tricampeonato da Libertadores da América.

A frustração da eliminação diante dos colombianos do Once Caldas no minuto final do jogo de volta da semifinal da Libertadores de 2004, fez o São Paulo repensar o que era necessário para voltar a ganhar a competição com a qual seu torcedor mais se identifica.

Para 2005, boa parte do elenco formado pelo técnico Cuca foi mantido, mas a mudança no comando técnico com a chegada de Emerson Leão, além de jogadores que haviam brilhado na temporada anterior como Josué, que veio do Goiás, e Mineiro, campeão paulista pelo São Caetano, foram as apostas para não repetir os erros do ano anterior.

O tricolor estava no grupo 3 e teve como oponentes na fase inicial os argentinos do Quilmes, terceiro melhor pontuador nos torneios nacionais dos hermanos em 2004, os chilenos do Universidad de Chile, que conquistaram a vaga no torneio continental após o título do Torneio Apertura e os bolivianos do The Strongest, campeões do Clausura no país onde jogar na altitude sempre é muito complicado.

Foi justamente na Bolívia que tudo começou. No dia 3 de março o São Paulo começou na frente com um gol de Danilo, tomou a virada antes do intervalo e no início da etapa final já perdia por 3 a 1. Mas Luizão e Grafite garantiram o empate em 3 a 3, trazendo

um bom resultado do topo do mundo.

Na semana seguinte, mais de 41 mil pessoas foram acompanhar a estreia dentro de casa, contra o Universidad de Chile. Um jogo cheio de alternativas, com o São Paulo abrindo o placar aos dois minutos em cabeceio de Lugano, tomando dois gols ainda no primeiro tempo, que só não teve vitória dos chilenos porque Rogério Ceni fez o primeiro gol dele na competição e Cichinho garantiu a vitória parcial com um gol de cabeça ainda antes do intervalo. Sem Luizão, que sentiu uma lesão muscular e deixou o campo chorando, coube a Grafite fechar a vitória em 4 a 2.

Hora de visitar a terra dos hermanos e encarar o modesto Quilmes; jogar lá nunca foi fácil e não seria desta vez. Logo no começo do jogo o São Paulo já saiu perdendo, conseguiu a virada com gols de Diego Tardelli e Grafite, mas o castigo veio aos 31 minutos da etapa final com o gol de empate dos argentinos garantindo o 2 a 2.

O retorno começou com um jogo tumultuado entre São Paulo e Quilmes, que teve a prisão do zagueiro argentino Desábato, após ato de racismo envolvendo Grafite. Dentro de campo, Diego Tardelli brilhou, fez dois gols e Cichinho fechou a conta na vitória por 3 a 1.

Já sem contar com o técnico Leão, o interino Milton Cruz teve a difícil missão de comandar o time no jogo mais complicado da primeira fase. Contra o Universidad de Chile, com um Estádio Nacional lotado, o confronto que definiria o primeiro lugar do grupo terminou com empate em 1 a 1. Luizão deixou o Tricolor tranquilo para receber o The Strongest no Morumbi, fechando a primeira fase da competição continental.

A vitória por 3 a 0 com gols de Edcarlos, Luizão e Grafite com quase 25 mil torcedores no Morumbi, deixou o tricolor com a quinta melhor campanha da primeira fase da Libertadores.

Primeiro do grupo 3, o Tricolor enfrentaria o segundo colocado do Grupo 4 e a décima segunda melhor campanha da fase de grupos do torneio mais importante entre clubes da América.

Hora de enfrentar um rival local, mas com boas lembranças para o torcedor são-paulino. O SEP nunca havia vencido o Tricolor na Libertadores. Eram quatro confrontos até então, com três vitórias para o São Paulo e um empate.

A freguesia seria colocada à prova, logo nos primeiros momentos de Paulo Autuori como novo técnico do esquadrão tricolor. Mata-mata, ai vamos nós!

NO PRIMEIRO MATA-MATA, A FREGUESIA SERIA COLOCADA À PROVA CONTRA O SEP



Foto: Rubens Chirri/espaulofc.net

NO MATA-MATA, HORA DE MOSTRAR FORÇA!

As oitavas de final começaram no estádio Palestra Itália. Bem postado, o São Paulo fez um grande jogo, fechado com chave de ouro com um gol inesquecível do lateral Cicinho. De esquerda ele chutou de muito longe e garantiu a vitória pelo placar mínimo, fora de casa, com um golaço para cima do goleiro pentacampeão do mundo, Marcos.

No jogo de volta, com um Morumbi tomado por mais de 60 mil torcedores, o coração são-paulino sofreu. Primeiro com a expulsão de Josué. Depois com uma chance que o atacante adversário Washington desperdiçou, sozinho, dentro da área.

A emoção tomou conta dos presentes à casa tricolor, quando Diego Tardelli fez boa jogada, driblou Corrêa, que já no chão impediu a passagem do atacante são-paulino tocando na bola com a mão. O juiz apontou a marca da cal e o capitão Rogério Ceni não desperdiçou: fuzilou no meio do gol e venceu Marcos encaminhando a classificação para as quartas de final. Já no apagar das luzes, o carrasco Cicinho ainda fez outro gol do meio da rua aumentando a festa em vermelho, branco e preto.

As quartas de final marcaram o encontro de dois times invictos até então. O Tigres era um time difícil de ser batido e, por isso, o São Paulo mostrou muita concentração no jogo de ida realizado na capital paulista. Rogério Ceni fez dois gols de falta e poderia ter chegado ao hat-trick se não tivesse mandado por cima um pênalti no final da partida. Não fez falta e o Tricolor marcou 4 a 0, com os outros gols marcados por Luizão e Souza. A única tristeza após uma vitória maiúscula foi a lesão de Grafite, que não jogaria mais a competição.

No México, o time de Paulo Autuori segurou o empate sem gols até os 16 minutos da etapa final, mas sofreu dois gols marcados por

Silvera. Souza descontou no fim da partida, naquela que seria a única derrota do São Paulo na competição.

Para chegar à decisão, o São Paulo teria que encarar o tradicional River Plate. No jogo de ida, além dos jogadores argentinos, o Tricolor teve que vencer a tendenciosa arbitragem do uruguaio Gustavo Méndez.

Depois de muito pressionar, o Mais Querido abriu o placar aos 31 minutos do segundo tempo com um chute de fora da área de Danilo e ampliou já no finalzinho, em cobrança de pênalti de Rogério Ceni. A postura do juiz neste lance chamou a atenção, já que o toque de mão de Lucho González, só foi visto pelo bandeira que correu para a linha de fundo apontando a irregularidade.

Meses depois, uma escuta telefônica divulgada pelo jornal "La República", de Montevidéu, reforçou a suspeita de que o River Plate subornou o árbitro uruguaio. Segundo a gravação, o empresário Jorge Chijane admitiu ter recebido US\$ 20 mil do time argentino, em Buenos Aires, para repassar a Mendez, que era vice-presidente e gerente-geral de uma empresa da qual era um dos sócios, para favorecer o River naquela partida realizada no Morumbi, que marcou a estreia do recém-chegado Amoroso.

Na Argentina, nova vitória são-paulina mostrando que aquele time estava mesmo preparado para conquistar a América. Danilo abriu o placar, ainda no primeiro tempo os argentinos chegaram ao empate, mas no começo da segunda etapa, Amoroso fez seu primeiro gol com a camisa tricolor em rápido contra-ataque puxado por Júnior. O caixão do River foi fechado com um gol de Fabão, que chutou de fora da área e contou com o desvio na zaga para matar o goleiro Costanzo. Marcelo Salas ainda descontou, mas o 3 a 2 era mais do que suficiente para garantir a vaga na decisão caseira contra o Atlético Paranaense

REGULAMENTO CUMPRIDO E JOGO DE IDA NO BEIRA RIO

Para chegar ao tricampeonato, o São Paulo precisava bater o surpreendente Atlético Paranaense. Até chegar à grande decisão, o time do sul do país eliminou importantes camisas como o Cerro Porteño, Santos e Chivas Guadalajara.

Porém, antes mesmo da bola rolar, uma polêmica chamou atenção. O regulamento da competição não permitia que o jogo decisivo fosse disputado em um estádio com capacidade de público inferior a 40 mil torcedores. Com isso, a Arena, que comportava 23 mil, foi descartada.

O jogo com mando dos paranaenses foi transferido para o Estádio Beira-Rio, após muito choro dos cartolas encabeçados por João Augusto Fleury da Rocha, presidente do Atlético.

Até mesmo um acordo com um colégio vizinho do estádio foi feito e arquibancadas tubulares começaram a ser instaladas, mas não teve jeito: nada de puxadinho - quem não tem estádio que se vire. Hora de engolir o choro e viajar para Porto Alegre para enfrentar o São Paulo.

Um jogo nervoso e de muita marcação. Assim foi a partida de ida da grande decisão da Copa Libertadores de 2005. Com um estádio longe de ter sua lotação máxima, o Atlético fez 1 a 0 no primeiro tempo, em cabeceio de Aloísio Chulapa.

O gol de empate veio logo aos seis minutos da etapa final e foi um gol estranho. Júnior cobrou falta da direita e cruzou para a área. Mineiro resvalou de cabeça, Aloísio também desviou e Diego conseguiu espalmar. Para infelicidade do goleiro, porém, a bola bateu na cabeça do defensor Durval e entrou nas redes do Atlético-PR.

Depois do gol da igualdade, o São Paulo mandou no jogo e poderia ter voltado ao Morumbi com uma vitória que facilitaria a vida tricolor na grande final.

Mais de 73 mil ingressos estavam vendidos para o jogo no Morumbi e aquela semana demorou a passar.

Era a hora de um elenco de jogadores batalhadores colocarem o pôster na parede do CT. Era a hora de levar a taça da Copa Libertadores de volta ao nosso memorial. Era a hora de superar o SFC de Pelé e se tornar o único clube brasileiro ao conquistar a América pela terceira vez.

Mas acima de tudo era a hora de Rogério Ceni colocar um ponto final nas discussões que o colocavam como um dos “problemas” de um clube que era tão vencedor, mas que passava um período de vacas magras, somente com conquistas estaduais, muito pouco para o São Paulo.

Quinta-feira, 14 de julho... chegou o grande dia!

O jogo começou tenso e equilibrado. Logo aos nove minutos, Lugano teve chance de abrir o placar mas cabeceou para fora do gol. Em seguida, os visitantes também assustaram com Fabrício que bateu forte uma falta pela direita e a bola passou rente à trave de Rogério Ceni.

O Morumbi veio abaixo aos 16 minutos. Em uma bela tabela pela direita, Danilo recebeu passe de calcanhar de Luizão e chutou forte, forçando o goleiro Diego a soltar a bola. No rebote, Danilo dividiu com André Rocha antes de a bola sobrar para Amoroso, sozinho, tocar para as redes e abrir o placar.

O São Paulo teve chances de ampliar antes do interval, mas quase colocou tudo a perder aos 45 minutos. O atacante Aloisio girou em cima de Alex e foi derrubado: pênalti em favor do Atlético-PR. Na cobrança, o meia Fabrício desperdiçou a chance do empate ao acertar a trave direita de Rogério Ceni

LUGANO FALOU: ROGÉRIO SABE ONDE VAI BATER. FABRÍCIO TREMEU E ACERTOU A TRAVE

Sem alterações, os dois times voltaram para a etapa final. O segundo gol do São Paulo aconteceu aos sete minutos. Após cobrança de escanteio, o zagueiro Fabão subiu mais que a defesa atleticana e ampliou para o Tricolor.

Ali muitos começaram a chorar... não era mais aquele choro que calou o Morumbi contra o Vélez em 1994.

Mas ainda tinha mais. Aos 26 minutos, o atacante Amoroso relembrou a parceria das antigas ao fazer bela jogada pela direita e passar para Luizão marcar o terceiro do São Paulo.

O artilheiro que já havia passado por rivais do São Paulo, também chorou. Enfim ele estava em um clube que lhe proporcionaria ganhar o título mais importante das Américas.

Luizão e Amoroso deram lugar a Souza e Diego Tardelli e foram ovacionados pelos tricolores extasiados com a conquista.

Foi Tardelli que acabou com a festa fazendo o quarto gol aos 44 minutos.

Quem vai esquecer da comemoração de Rogério, que hora mostrava o número três com os dedos, hora olhava para a torcida e dizia que sua carreira poderia acabar ali. Sua missão estava cumprida!

E Amoroso, que chegou na semifinal, conquistou o grupo e foi peça fundamental para mais um título?

Luizão, o cara que superava dores, cortes na cara e estava sempre se doando pelo time e marcando seus gols.

Cicinho, o carrasco dos nossos fregueses em Libertadores. A zaga formada por Fabão, Alex e Lugano. Nenhum deles era tecnicamente brilhante, mas se doavam ao máximo para que o gol do M1to não fosse atingido.

Júnior, outro que passou pelo rival, mas que conquistou a torcida com seu jeito incansável de jogar pelo lado esquerdo.

Os volantes Mineiro e Josué. Esses um capítulo a parte. Não fosse Josué fazer a falta em Juninho Paulista no confronto contra o SEP, a história poderia ter acabado ali. Não fosse Mineiro correr tanto durante todos os jogos da campanha, será que o time se doaria tanto como fez naqueles 14 jogos?

Danilo, chamado por alguns de morte-lenta, mas que dava assistências e jogava um jogo final, como se fosse apenas um jogo da fase classificatória, tamanha frieza e tranquilidade.

Grafite e Diego Tardelli, que não gozavam de tanto prestígio com a torcida mas que fizeram gols importantes na campanha do Tri.

E aquele elenco tinha sim jogadores jovens. Não é isso que é proposto hoje em dia pela diretoria são-paulina?

UM ELENCO DE JOGADORES COMPROMETIDOS QUE CONTAGIAVA OS JOVENS: A RECEITA DO TRI

Fábio Santos, Edcarlos, Renan, Alê, Marco Antônio... mas eles só funcionaram porque jogavam em um time que se doava, um time que não tinha bola perdida, um time que não tocava a bola de lado e era capaz de pressionar o River Plate fora de casa, mesmo com uma classificação já bem encaminhada.

O mês de julho de 2015 promete muito desgosto ao torcedor do São Paulo.

Sem dinheiro, com um elenco sendo desfeito e jogadores que pouco se importam com essa história vitoriosa, sonhar com o título nacional é tarefa difícil até mesmo para o mais fanático torcedor.

Que essa linda história escrita nas últimas páginas e na história do Tricolor Mais Querido, sirvam de inspiração para todos que representam nossas cores. Do presidente ao faxineiro, do goleiro ao ponta-esquerda.

E que a história de heróis que conquistarão o Tetra comece a ser escrita, afinal, sonhar não custa nada.



Foto: Rubens Chiri/saopaulofc.net

SEIS MESES QUE VALERAM POR 10 ANOS

A contusão de Grafite abriu espaço para um novo atacante. Amoroso chegou, conquistou os companheiros, a torcida e fez história com a camisa tricolor ao lado do amigo Luizão que também falou com a Revista TMQ.

por VINÍCIUS RAMALHO e MAGNO NUNES

A pesar da vitória por 4 a 0 sobre o Tigres no jogo de ida das quartas de final da Libertadores 2005, o treinador Paulo Autuori tinha motivos para se preocupar antes de ir até o México. Grafite, autor de muitos gols até aquele momento da campanha, sofreu uma grave lesão e o retorno estava previsto somente para o fim da temporada.

A solução encontrada foi buscar Amoroso, jogador experiente, que estava no Málaga e que poderia reviver a parceria que deu tão certo no início da sua carreira, no Guarani.

Em uma temporada no clube espanhol, o jogador que estava perto de completar 31 anos, jogou 29 jogos, balançando as redes somente cinco vezes.

O jogador chegou já na fase semifinal, foi peça fundamental nos confrontos contra o River Plate e, mesmo jogando só quatro jogos, anotou dois gols e caiu nas graças da torcida.

AMOROSO CHEGOU, JOGOU SEMIFINAL E BRILHOU!

Hoje ele cuida da carreira do filho, que tenta a sorte na Udinese da Itália e com muita simpatia falou para a revista mais tricolor da web. Confira como foi esse bate papo com o jogador que ficou conhecido como o Exterminador de Gambás!

Revista Tricolor Mais Querido: *Como foi a negociação para que você chegasse ao Tricolor Mais Querido?*

Amoroso: Pela amizade que eu já tinha por ter jogado com alguns atletas que era o caso do Luizão, o Junior, o próprio Rogério Ceni em algumas partidas com a Seleção, o Roger, goleiro reserva, isso facilitou muito a minha adaptação. Eu já sentia como se fosse um atleta do São Paulo há dez anos. Depois tudo pelo nome, história, conquistas, por onde joguei, você chegar e poder ter o carinho dos companheiros. Quando eu pisei no CT e vi o Autuori, que foi um cara que abriu as portas pra mim, me colocando uma responsabilidade, mas me jogando um peso positivo pra que eu pudesse agregar tudo aquilo que eu tinha de experiência para o grupo. Por uma fatalidade do Grafite, chegar num momento importante e substituir, fez com que eu pudesse ter essa oportunidade de vestir essa camisa do São Paulo. Eu já vinha sendo cobçado pelo clube um ano antes da minha chegada, mas era um momento complicado e, por eu custar muito alto, acabou não fechando a negociação. Minha ida se deu pelo fato do Oscar Bernardi ser muito amigo do Nivaldo Ubaldo, fisioterapeuta. Fator grupo não tinha o que falar, porque todos os jogadores que eu não conhecia e os que eu conhecia me fizeram me sentir em casa e me adaptar muito rapidamente.

RTMQ: *Você chega e já pega logo de cara o River Plate, em uma semifinal de Libertadores. Sentiu a pressão do jogo?*

Amoroso: Pra mim era um jogo normal, não sei se pelo fato de eu não ter ainda tido a oportunidade de jogar uma Libertadores. Até aquele momento nunca tinha disputado uma competição internacional por

um time brasileiro, só com a Seleção, mas ainda não tinha o gostinho de jogar Libertadores. Encarei aquele jogo nem como se fosse minha estreia, era um jogo a mais pra mim e isso me deixou tranquilo em campo pra que eu pudesse fazer uma das melhores atuações da minha vida. Foi uma estreia fantástica e um das partidas mais perfeitas principalmente por ter sido a minha primeira partida pelo Tricolor.

RTMQ: *Meses depois da conquista da Libertadores, ficou comprovado que naquele jogo da sua estreia, o juiz uruguaio tinha recebido dinheiro para apitar a favor do River. Isso ficou perceptível dentro de campo?*

Amoroso: A gente que está dentro de campo não percebe, não tem a visão de que você está sendo ou estão tentando te prejudicar. Mas o fato de no pênalti ter sido dado pelo bandeira foi porque no momento do lance a bola vinha na minha direção, quando eu entro na área e o zagueiro intercepta, eu levanto o braço desesperado pedindo pênalti. Como o árbitro tinha vindo de frente, estava encoberto, mas o bandeira viu. A gente que está dentro de campo é difícil, às vezes tenta facilitar para o time da casa. Mas teve algumas entradas mais ríspidas como a própria entrada do Lugano por trás. Se essa entrada do Lugano não foi nada, não dá pra perceber às vezes que o jogo está mais tendencioso pra prejudicar.

RTMQ: *Fale sobre a importância do M1to Rogério Ceni naquela campanha.*

Amoroso: Pode-se dizer que é um jogador que tem uma história que nenhum jogador no Brasil tem; pelo tempo no clube, era uma referência pra gente, segurança debaixo do gol e nas bolas paradas. A gente sabia que poderia contar com ele, porque vinha em uma grande fase, nos deixava tranquilo quando tinha goleiro assim.

RTMQ: *E o Lugano na zaga?*

Amoroso: Pelo espírito guerreiro dele, não tecnicamente um Aldair, Gamarra, mas posso falar pra você que o espírito de luta, determinação, posicionamento na área e o vigor físico, fizeram com que o Lugano se destacasse na competição e era a cara do futebol uruguaio. Era uma segurança atrás porque dava segurança, principalmente nas bolas aéreas.

RTMQ: *Como foi voltar a fazer parceria com o Luizão?*

Amoroso: Falo pra todo mundo e ele também fala que a gente se conheceu muito jovem nas categorias de base do Guarani, a gente teve oportunidade de ganhar um título internacional com a camisa do São Paulo. Em tão pouco tempo ter conquistado aquele título da Libertadores, já sabia que jogando do lado dele seria muito fácil pra mim, teria uma mobilidade maior e do Luizão segurar os atacantes; ele era muito inteligente sem a bola, e quando tinha oportunidade na

GANHAR COM O LUIZAO FICOU MARCADO POR SER UM GRANDE AMIGO



área dificilmente ele errava. Eu fui um cara de sorte, porque a gente começou junto com 15 anos e terminamos jogando uma Libertadores pelo Tricolor, ele fazendo o último gol da história dele na Libertadores com um passe meu. Ficou marcado por ser um grande amigo.

RTMQ: *A polêmica sobre o jogo de ida que não foi disputado em Curitiba e acabou sendo levado para o Beira-Rio, influenciou o elenco do São Paulo?*

Amoroso: No nosso grupo não, estávamos confiantes na conquista, determinados para essa competição, mas quando se joga uma final de Libertadores, independente de qual for o adversário, é sempre difícil. Jogo de inteligência pra poder dominar a partida, um simples erro pode determinar a derrota. O fato de o jogo ter saído da Arena já deu aquela grande vantagem de você poder dentro de casa decidir, porque o Atlético era um time muito bom, torcida muito participativa e a gente sabia que se fosse na Arena ia ser muito complicado. Pela Conmebol ter tirado pelas regras, quando saiu da casa deles ficou mais fácil e levamos para o Morumbi uma vantagem imensa.

RTMQ: Deixe seu recado para a torcida são-paulina.

Amoroso: Eu não tenho o que falar da torcida do São Paulo, só tenho que agradecer, porque realmente foram seis meses muito intensos pra mim, um carinho que o torcedor sempre demonstrou, muitos não sabiam como eu estava fisicamente, então foi uma surpresa pra muitos, pois achavam que eu estava machucado. Eu estava muito bem, vinha do Málaga voando, e aí quando chegou e eu vesti aquela camisa, tive o apoio, me senti em casa. Aí falei: tenho que honrar essa camisa, porque essa torcida merece, esses caras merecem títulos de expressão pra se tornar o único clube tricampeão do mundo no Brasil. Esses seis meses foram quase dez anos na minha cabeça, e fica pra sempre. Fica pros meus filhos, pros netos, então isso é o que fica, e fico muito agradecido pelo carinho dos torcedores, meu grande abraço e respeito por toda essa nação.

DA EUROPA, LUIZAO TAMBEM FALOU COM A REVISTA TMQ

Parceiro de Amoroso e um grande guerreiro naquela campanha, Luizão estava na Europa mas atendeu a reportagem da Revista TMQ para falar da importante conquista com a camisa do São Paulo. Ele falou sobre a campanha, sobre o choro após o gol na final e sobre a saída sem disputar o Mundial Interclubes no Japão.

RTMQ: *Fale daquela campanha da Libertadores, com saída do técnico Leão e chegada de Paulo Autuori e com uma pressão já que no ano anterior o São Paulo havia caído para o Once Caldas.*

Luizão: O São Paulo havia sido campeão do campeonato paulista com o Leão que logo em seguida sairia para a entrada do Paulo Autuori. Autuori chegou e me passou muita confiança e logo no primeiro jogo dele fiz dois gols, era um excelente treinador, tranquilo que ia dando confiança a todos os jogadores e com isso a equipe foi crescendo na competição, mesmo com toda a pressão do ano anterior, ele soube conduzir a equipe e levá-la ao tricampeonato!

RTMQ: *Na decisão, você fez gol e chorou. Aquele choro era pela emoção da conquista de um título tão importante, ou por estar saindo do São Paulo e não ir para o Mundial Interclubes no final do ano?*

Luizão: É uma mistura de tudo, passava muita coisa pela minha cabeça em um momento único e importante na minha carreira, fui muito feliz no São Paulo em tão pouco tempo, só tenho a agradecer à torcida, diretoria e principalmente ao departamento médico que acreditou em mim naquele momento!

RTMQ: *Se arrepende de ter saído? Hoje você optaria por ficar no São Paulo?*

Luizão: É difícil falar, naquele momento havia muita coisa envolvida, mas me orgulho de ter passado pelo São Paulo e conquistado um título tão importante para o clube!



ALEX BRUNO

UM DOS OPERÁRIOS DO

TRICAMPEONATO

Um grande time precisa daqueles jogadores que pouco aparecem para a torcida, mas que fazem os craques do time jogar. Assim foi com Alex Bruno, zagueiro titular na campanha do terceiro título da Libertadores.

por VINÍCIUS RAMALHO e MAGNO NUNES

Após brilhar e ser um dos protagonistas da conquista da Copa do Brasil de 2004, quando o Santo André calou um Maracanã lotado e conquistou a Copa do Brasil sobre o Flamengo, um dos líderes do time do Grande ABC chamou atenção dos grandes times. O zagueiro Alex teve várias propostas, mas escolheu jogar pelo São Paulo.

Não caiu nas graças de Leão, mas a chegada de Paulo Autuori foi boa para o jovem defensor que ganhou espaço, terminando a campanha do tricampeonato da Libertadores como titular do Tricolor.

Atualmente o jogador vai disputar a série D do Brasileiro, pelo modesto Operário Várzea-Grandense do Mato Grosso e ainda fala com muito carinho e saudade daquele momento vivido no Tricolor.

ALEX BRUNO GANHOU A CONFIANÇA DE AUTUORI E VIROU TITULAR

Confira em mais uma entrevista da Revista TMQ.

Revista Tricolor Mais Querido: Conte como foi a saída de um time modesto como o Santo André para chegar ao São Paulo?

Alex Bruno: A gente ainda recebia salário mínimo na época, aí estourei, tivemos o acesso e o título da Copa do Brasil e quando cheguei no São Paulo... eu tinha ido no Morumbi à noite e tinha sentido alguma coisa, quando a gente foi no CT você vê toda a estrutura. Você não está acostumado. Uma pessoa me levou no hospital, depois outra pra comer, depois o médico. Foi tudo diferente. A gente fica meio sem cair a ficha do que realmente está acontecendo, mas foi tudo maravilhoso. Fiz a escolha certa e foi um ano que o tricolor ganhou tudo. Fui abençoado com muitos títulos. Marcou muito a minha vida e a dos meus familiares.

RTMQ: Você chegou do Santo André e sempre que um jogador vem de um clube menor fica aquela desconfiança se o cara não é só jogador de uma temporada. Como encarou as cobranças?

AB: Lembro que eu cheguei, já fiz um link ao vivo, pressão, jornalistas começaram a questionar minha contratação, aquela coisa toda. Mas o grande negócio do atleta é isso, o que rodeia, que é a imprensa, torcedor, dia a dia. Quando acontece o jogo em si, que o juiz apita, aí esquece tudo. Mas carrega uma pressão maior. Você mudar pro Morumbi lotado... lembro que o Milton Cruz chegou em mim e disse que ia esperar pra me adaptar, eu falei que não, que queria estrear, e estreei contra o Atlético-PR na Arena da Baixada. A pressão é diferente, se você falha, a cobrança é diferente. Mas graças a Deus foi um ano vitorioso onde eu, menino, começando, peguei uns caras que

chamam a responsabilidade.

RTMQ: A campanha teve muitos percalços, como a saída de Leão, Grafite machucado, Amoroso chegando na semifinal, jogo com arbitragem complicada contra o River Plate. Fale um pouco dessas situações.

AB: Pra mim a saída do Leão foi crucial pro título. Se continuasse com ele ali ia ser complicado. Eu me lembro que a gente pegou um time da Bolívia na primeira fase e tinha que golear pra não pegar um time argentino no mata-mata. Eu lembro que isso causou desconforto no elenco, mas o time foi pegando muita confiança, depois da primeira fase a gente conseguia fazer resultados muito bons no Morumbi. Contra o Tigres foi assim também. O time deu liga e conseguiu fazer uma grande campanha coroada com o título da Libertadores.

RTMQ: Como era o clima com Leão?

AB: O Leão começou com algumas confusões com uns caras mais experientes e de mais nome, como o Junior; depois o negócio do Falcão, e isso ia minando muito. Hoje o Leão mudou muito, tive oportunidade de conversar com ele e hoje ele mudou, mas naquela época achava ele meio arrogante. Ele estava perdendo o grupo. Saiu na hora certa e veio o cara que era o Autuori, uma das melhores pessoas que já conheci como pessoa e treinador. Maravilhoso, sabe levar o grupo, monta o treino, sensacional. A chegada dele foi o que a gente precisava pra buscar esse título.

RTMQ: Fale sobre a oportunidade de jogar com o Rogério Ceni, um dos maiores ídolos da história tricolor?

AB: Pra mim ele é o maior líder que já peguei no futebol, liderança que é o mais importante num grupo. Fora que em campo o cara é sensacional, defende, faz gol, passa tranquilidade, cobrança. Então acomodação com ele não existe. Grande responsável pela liderança e pela seriedade que o time levou naquele ano tão vitorioso.

RTMQ: E seu companheiro de defesa, o uruguaio Diego Lugano?

AB: Um monstro, cara aguerrido, brigador, companheiro, ia até o final com você, defendia você. Eu passei por um momento difícil, ele companheiro ligava pra mim, foi uma grata surpresa de amizade, fora de campo. Lugano é um dos meus grandes amigos do futebol.

RTMQ: E o Mineiro, um guerreiro dentro de campo, mas extremamente tímido fora dele.

AB: Quietinho, passava isso pra vocês, dentro do grupo chegava, fazia o trabalho. Era o maior exemplo, apesar de não falar. Lembro

O AMOROSO GANHOU O GRUPO NA CHEGADA. SEM ROUPA DE TREINO CUMPRIMENTOU TODOS



que a gente estava fazendo físico e a gente sempre querendo cortar dentro do campo. Ele sempre mais rápido que os outros. Chegamos no Mineiro e ele falou: dentro de campo não vou poder roubar. Um cara que com seu jeito sempre era exemplo no grupo, um dos grandes responsáveis pelo Mundial com aquele belo gol

RTMQ: Todos os jogadores daquele elenco falam da importância da Luizão naquele elenco. Você também o considera essencial para o título?

AB: Pra mim era um dos maiores guerreiros que já vi na bola. Podia passar o trator em cima do cara, joelho baleado, corte na cabeça, tomava ponto, não pedia anestesia e iluminado, a bola sempre sobrava pra ele pra guardar. Nosso grupo era maravilhoso, Fabão, Cichinho, Junior, Danilo, é complicado. Fabão foi o maior zagueiro que peguei na face da terra, em jogo decisivo o cara se transformava. Amoroso outro monstro. O Luizão é o maior guerreiro que já vi em termos de suportar a dor, um cara que chegou e fazia gol de todo tipo, matador nato, fazia gol de cabeça, de canela

RTMQ: Qual foi o momento inesquecível daquela campanha na Libertadores?

AB: Depois do jogo do Tigres, no México, quando o Rogério Ceni veio falar comigo. Disse que ficou impressionado com a minha personalidade, que fiz um bom jogo, passei tranquilidade. Aquela era minha estreia como titular na Libertadores e as palavras do Rogério durante o jogo pude pegar confiança e fazer uma grandes

jogos naquela campanha vitoriosa.

RTMQ: A passagem pelo São Paulo foi o melhor momento da sua carreira?

AB: Eu tinha esse sonho, meu estilo de jogar é muito a cara do São Paulo, que gosta de jogadores clássicos. Sou grato a Deus. Me machuquei muito na carreira, passei pelo melhor clube do Brasil, que é o São Paulo, que tem um staff de funcionários muito bom, e hoje vejo toda dificuldade de um time pequeno. Passei pelo Marília no começo desse ano e só Deus na causa, é complicado. Mas estamos firmes e fortes, dá pra jogar mais uns três anos, sou um cara que fui abençoado.

RTMQ: Deixe seu recado para a torcida do São Paulo.

AB: Eu quero agradecer ao torcedor são-paulino pelo carinho, apesar de eu não ter sido um cara ídolo, mas sempre sou reconhecido. Hoje a gente foi no lava rápido e o cara me conheceu. Isso é muito gratificante, isso já tem dez anos, torcedor são-paulino realmente quando você passa pelo clube faz história lembra de você. Sou muito grato e tenho saudade imensa, vontade de voltar ao Morumbi. Deixo um grande abraço a todos os tricolores.

capa

Foto: Divulgação



ENTREVISTA: BRUNO ABILEL

DIRETOR DE MARKETING DA UNDER ARMOUR

A parceira entre o maior clube do futebol brasileiro e uma das maiores fornecedoras de material esportivo do mundo ainda é recente, mas já mostra bons frutos e a promessa é de mais novidades para a torcida são-paulina

por VINÍCIUS RAMALHO

A parceria entre a Under Armour e o São Paulo Futebol Clube se mostra como um sucesso já nos primeiros meses do “casamento”.

A marca norte-americana chegou ao Brasil em 2014, mas somente esse ano usou sua estratégia que é sucesso em todo o mundo: apostar no esporte mais popular do país. E nada melhor que fechar exclusividade no fornecimento de material para o clube mais vitorioso do futebol tupiniquim.

A repercussão em redes sociais e as vendas, mesmo após a eliminação na Libertadores, deixaram os americanos animados e muitas ações conjuntas com o Tricolor Mais Querido devem chegar em breve.

A revista mais tricolor da web conversou com um dos executivos da marca, Bruno Abilel, que é diretor de Marketing da empresa. Confira as novidades da parceria entre uma das maiores empresas de material esportivo do planeta e o único clube brasileiro tricampeão do mundo.

**NADA MAIS ADEQUADO QUE
CHEGAR AO MERCADO BRASILEIRO
ATRAVÉS DE UMA PARCERIA COM UM
CLUBE VENCEDOR COMO O SPFC**

RTMQ: Por que a Under Armour escolheu o São Paulo como parceiro nessa entrada no mercado brasileiro?

Bruno Abilel: A visão da Under Armour é ser uma das marcas líderes do mercado esportivo brasileiro, sendo fundamental sua entrada no futebol para poder atingir este objetivo. O São Paulo Futebol Clube é o clube mais vencedor da história do futebol brasileiro, portanto, nada mais adequado que estar ao lado de um clube do porte e da representatividade do SPFC para marcar a entrada da marca nos gramados do Brasil. Por isso, e pelas características como inovação e garra, que são comuns entre a marca e o clube, o São Paulo é o parceiro perfeito.

RTMQ: Qual o retorno para a empresa nesse começo de parceria?

Bruno Abilel: Ainda é cedo para falarmos em números, mas podemos afirmar que o nosso retorno está acima do esperado.

A torcida realmente aprovou os novos produtos e, em especial, as novas camisas. O retorno que temos tido nas redes sociais também é excelente.

Para se ter uma ideia, o vídeo que lançamos da ação realizada para a estreia da camisa, em que os torcedores entregavam as camisas para os atletas minutos antes da partida contra o Cruzeiro, superou 50 mil compartilhamentos, 140 mil curtidas e

mais de 5 milhões de visualizações. Ou seja, a torcida realmente ‘comprou’ o nosso projeto desde o início, inclusive quando o tweet no qual anunciamos a nossa chegada ao São Paulo se tornou o mais retuitado da Under Armour em todo o mundo neste ano.

RTMQ: Quais as novidades em ações e novos produtos ainda em 2015?

Bruno Abilel: Ainda teremos novidades em 2015. Estamos trabalhando junto à diretoria do clube, mas ainda não podemos abrir no momento.

A torcida será envolvida na hora certa e com certeza não se arrependerá – assim como aconteceu em nosso lançamento.

RTMQ: A empresa pensa em algum produto voltado à aposentadoria do ídolo Rogério Ceni?

Bruno Abilel: Isso é uma questão que, sem dúvida, está no nosso radar, mas também ainda não podemos confirmar nada. De qualquer maneira, o torcedor tricolor pode ter certeza de que nós da Under Armour sabemos da importância do ídolo e do respeito que ele merece.

RTMQ: Em relação a megaloja no Morumbi, qual a previsão de inauguração?

Bruno Abilel: Atualmente nosso espaço no Morumbi é um lounge com capacidade para até 200 pessoas assistirem aos jogos do SPFC em uma experiência única de marca.

Neste espaço, o torcedor também pode conhecer parte da linha criada para o Clube, para que caso tenha interesse possa adquiri-los tanto dentro do Estádio (na loja São Paulo Mania) quanto nos mais de 1.000 pontos de venda físicos e online que atualmente comercializam no Brasil os produtos SPFC/Under Armour.

Vale lembrar que tais produtos também estão disponíveis para venda internacionalmente, como por exemplo nos Estados Unidos por meio do site www.ua.com

RTMQ: Os torcedores do São Paulo sempre reclamaram da falta de variedade de produtos nas lojas São Paulo Mania, que é uma franquia do clube. A marca pretende se aproximar desse público com novos produtos?

Bruno Abilel: Com certeza. É claro que os nossos carros-chefes são os uniformes de jogo, mas existe uma linha variada de produtos que já estão à disposição do torcedor, como blusas, agasalhos, uniformes de treino e viagem, acessórios de uma maneira geral, entre outros itens que serão introduzidos no decorrer do ano.

Apesar de termos apenas pouco mais de um mês de parceria, já estamos atentos às demandas do consumidor e buscaremos atendê-los sempre de uma maneira inovadora.

JENÍLSON. MAS PODE CHAMAR DE CAMPEÃO.

por *Fabrcio Gomes*

Pela lateral esquerda do Tricolor já passaram grandes nomes e nesse mês lembraremos um que ganhou quase tudo que disputou: Jenílson! Não se lembra dele? Um bom baiano que corria muito! Esse era o “Grande” Júnior.

De setembro de 2004 a dezembro de 2008, ele defendeu as cores do SPFC e chegou com um asterisco: havia defendido por quatro anos o time da SEP, de 1996 a 2000. Naquele momento, vinha de uma passagem curta pela Europa, mas ele continuava firme.

Estreou no empate sem gols diante do SCCP e já começou a mostrar a vontade que lhe era natural. Pelos lados do Morumbi, Júnior disputou mais de 200 partidas, marcando 30 gols. Atuando com muita dedicação, o lateral sempre foi destaque em cruzamentos e assistências.

A partir de 2005, ganhou quase tudo que disputou: nesse ano, já vieram Paulistão, Libertadores e Mundial; na sequência veio o Tri-Hexa de 2006, 2007 e 2008.

Pela Seleção Brasileira, fez parte do time Pentacampeão em 2002, marcando, inclusive, um gol. No jogo contra a Costa Rica, o último da primeira fase, o lateral anotou o quinto gol da goleada de 5x2, que garantiu ao Brasil o 1º lugar do grupo.

Júnior foi, de fato, o único incontestável na ala esquerda Tricolor nos últimos anos. Durante sua passagem, ele deixou no banco Lúcio, Jadílson, André e Alex Cazumba. Depois dele, já passaram por ali Cortez, Júnior César, Clemente Rodriguez, Thiago Carleto, Diogo, Juan, Álvaro Pereira e, atualmente, Reinaldo, Carlinhos e o jovem Matheus Reis.



Copa do Mundo, Libertadores, Mundial, Paulista, Brasileiro... esse cara ganhou tudo

Por um motivo, ou por outro, nenhum deles vingou por mais de um ano. Veremos o que o futuro nos reserva.

Ele resolveu parar de atuar dentro das quatro linhas ainda em 2010, jogando pelo Goiás.

Seu contrato iria até maio de 2011, mas ele preferiu parar no final do ano anterior.

Ao sair do São Paulo, ele teve uma passagem pelo Atlético-MG e se apaixonou pela capital mineira, resolvendo morar lá definitivamente.

Em junho de 2011, juntamente com um amigo, abriu um restaurante de culinária internacional na cidade, coordenado pelo chef francês Eric Marty. O Mes Amis está localizado no bairro Lourdes, um dos mais nobres de Belo Horizonte

Raio-X

Nome: Jenílson Ângelo de Souza

Nascido em: Santo Antonio de Jesus, BA

Data de nascimento: 20 de junho de 1973

Clubes que jogou:

1994 - 1996	Vitória
1996 - 2000	SEP
2000 - 2004	Parma (Itália)
2003 - 2004	Siena (Itália)
2004 - 2008	São Paulo
2009 - 2010	Atlético Mineiro
2010	Goiás

LUIS CARLOS, LEMBRAM DELE?

por *Alberto Silva*

Ano de 1997. O São Paulo vinha de dois anos muito ruins, devido à reforma do Morumbi. Jogadores medíocres passaram pelo tricolor nesse período. Como era de se esperar, não ganhamos nada em 95 e 96.

Assim como aconteceu com o também meia, o chileno Sierra, o São Paulo apostou em um jogador que brilhou em um jogo contra nós.

No Brasileiro de 1996, o Tricolor Mais Querido empatou em 3 a 3 com o Atlético Paranaense no Morumbi. Naquele jogo, o camisa oito dos paranaenses brilhou fazendo o primeiro gol dos visitantes após falha de Zetti e empatando a partida já no apagar das luzes, após boa triangulação com Paulo Rink.

Veio o ano de 1997 e chegou Luis Carlos, vindo do do rubro-negro paranaense. O meia, que teve certo destaque jogando ao lado de Oseas e Paulo Rink, logo chamou a atenção da diretoria são-paulina.

Lembro que, num programa esportivo, perguntaram ao Emerson Leão o que ele achava do Luis Carlos, pois o mesmo tinha sido seu jogador no passado. Ele disse:

- É um bom coadjuvante (...)

Pois bem. O treinador da época era Dario Pereyra e, certamente pela escassez de bons jogadores, acabou dando a camisa dez para novo contratado.

Era muito pra ele.

Um time que teve Pedro Rocha, Pita e Raí não podia ter um dez como Luis Carlos. E o Leão tinha razão – ele foi coadjuvante mesmo, não conseguiu se firmar no time titular que tinha como destaques os atacantes Dodô e Aristizábal, que viviam momento iluminado, fazendo muitos gols.

Falando em gols, nosso camisa dez fez



Foto: Arquivo Histórico SPFC

A camisa 10 do Tricolor era muito pra ele.

apenas três. Um deles contra o SEP, na goleada de quatro a dois no Pacaembu, em que a dupla Dodô e Ari infernizou o pobre e freguês rival.

No ano seguinte, com a chegada de Carlos Miguel, multicampeão pelo Grêmio ele acabou perdendo espaço. Posteriormente, foi negociado com o Internacional de Porto Alegre, onde também jogou muito pouco.

Depois fomos ver que daquele adversário do empate em 3 a 3 os bons eram os dois atacantes, tanto que o autor de dois gols foi substituído, mesmo em noite inspirada. Um brilhou no futebol alemão e o outro teve certo sucesso em um time verde da capital paulista. Assim como aconteceu com Sierra, erramos mais uma vez.

Por isso o grande Luis Carlos veio parar nessa tão ilustre coluna, onde falamos dos jogadores que não brilharam com o manto sagrado de três cores.

Raio-X

Nome: Luis Carlos Moreira de Matos

Nascido em: Itabuna, BA

Data de nascimento: 11 de setembro de 1968

Clubes que jogou:

1988 - 1991	Itabuna
1992 - 1993	FC Sion (Suíça)
1993 - 1994	Santa Cruz
1994 - 1995	Paraná
1995 - 1996	Atlético Paranaense
1996 - 1997	São Paulo
1997 - 1998	Internacional
1998	Goiás
1998 - 1999	Coritiba
2003 - 2004	Catuense



ONDE ESTÁ AURO?

Um mistério ronda o Morumbi e o CT da Barra Funda: Onde está Auro? A Revista TMQ revela um relato impressionante sobre avistamento de um Auro no CT.

por MAGNO NUNES

A substituição durante a partida entre São Paulo e Atlético Paranaense, realizada no dia 1 de julho é uma das coisas mais bizanhas da história do futebol mundial. Nem no grande Santa Ifigênia, time de várzea que vi crescer, isso acontecia. Tirar um lateral (Bruno) e colocar um zagueiro recém promovido da base (Lyanco), que treinava há apenas uma semana com o time profissional, é mais do que preocupante. É bizarro mesmo.

Mas, o futebol sempre reserva algumas surpresas. Portanto, deve vir mais coisa “diferente” pelo nosso caminho no tenebroso 2015. Esperamos que nada relacionado a divisão de baixo, aí sim seria o fundo, do fundo do poço. Oremos a Telê para que isso não aconteça.

Depois de rever, e trever a partida que fizemos no Paraná, chego à conclusão que o São Paulo Futebol Clube sofre com problemas de abduções. Isso mesmo. Jogadores que antes eram esperanças, fonte de grana no futuro com suas negociações milionárias, simplesmente desaparecem. E qual o motivo? Nem a Nasa saberia responder.

O CT DA BARRA FUNDA, E QUEM SABE O DE COTIA, É UMA ESPÉCIE DE ÁREA 51 DO MUNDO DO FUTEBOL

O CT da Barra Funda, e quem sabe o de Cotia, é uma espécie de área 51 do mundo do futebol. É tudo muito nebuloso, sem justificativa, as coisas são assim e pronto. Se fosse um governo, o São Paulo não terá o site de transparência. Até porque, isso é que o menos vemos neste atual momento.

O que aconteceu com Rodrigo Caio, por exemplo, é outra bizarrice que norteia as alamedas do Morumbi. O cara é negociado, daí é “recusado”, sabe-se lá por que, daí engatam outra negociação, e o cara reaparece em São Paulo na semana seguinte. Uma pataquada atrás da outra. E quem paga o Pato? Nós, até porque ele ganha muita grana e pouco tem desempenhado.

É correto reconhecer que ele está tentando. Fez uma jogada incrível contra o SEP que quase resultou em gol. E fez uma boa partida contra o Atlético, até ser sacado para a entrada do lateral Matheus Reis. JESUS CRISTO! Não disse que tinha mais coisas esquisitas vindo por aí?

Nada contra Osório, acho que tem que deixar o “homem trabalhar”, mas não dá pra entender o que pretende o treinador em tirar o único atacante que temos, para colocar um lateral, recém promovido da base. Mais um, por sinal. Se eu fosse religioso diria que “Deus tem um plano muito forte para nosso time”. Mas nem o capeta salva o São Paulo, imagine Ele, que tem muito mais coisas importantes para se preocupar.

Decidi por conta própria ir atrás das informações pertinentes para descobrir o que está rolando no tricolor. Peguei meu Fiat 147, coloquei a fita do AC/DC no meu Motoradio e pé na estrada. O destino? CT da Barra Funda.

Ao chegar por lá, foi possível observar pessoas ao redor analisando o solo, soldados fazendo o bloqueio de pessoas não autorizadas e muita segurança. Cheguei perto do portão e falei com o responsável.

-Boa tarde, sou Magno Nunes, e queria saber como faço para falar com

o responsável pelo CT.

-Senhor, não podemos dar qualquer informação sem autorização.

-Mas é isso que quero, saber para quem devo perguntar.

-Infelizmente preciso que o senhor se retire.

Sai dali frustrado. Afinal, não consegui sequer olhar para dentro daquela fortaleza. Voltei para minha casa e abri o jornal do dia para saber se havia alguma notícia importante. Eis que me deparei com a manchete: “OVNI é avistado na zona oeste de São Paulo”. Na hora comecei a folhear a matéria a procura de evidências. E lá estava o que queria! “Um senhor, dono de um comércio próximo à Lapa diz ter avistado um OVNI, do tipo Auro, sobrevoando o CT do São Paulo”.

BINGO! Minhas suspeitas se confirmaram com isso. Existem Auros nos arredores da Barra Funda. Liguei para uns amigos que observam os céus de São Paulo e o diálogo que se segue é uma das coisas mais importantes que pude ter acesso. Espero não sofrer represálias do governo brasileiro e nem das autoridades da aeronáutica.

-Boa tarde Márcio, tudo bem?

-Tudo sim, o que posso fazer por você?

-Fiquei sabendo que o senhor avistou um Auro sobrevoando o CT do São Paulo, é isso mesmo?

-Olha cara, isso está me causando muitos problemas. Não queria falar sobre isso.

-Mas é muito importante saber detalhes, posso ajudar a desvendar esse mistério.

-Ok. É última vez que vou falar sobre isso. Não tenho dormido durante a noite depois daquele dia. Lembro de detalhes, lembro de tudo!

-Então me conte, pelo amor de Deus!

-Vamos lá. Era uma tarde de segunda-feira e eu vi os carros dos jogadores chegando no CT da Barra Funda, depois da derrota para o Palmeiras. E que atropelo. Vi Rogério Ceni entrando, Michel Bastos, Carlinhos, Edson Silva. Tudo estava normal. Daí, olhei para o céu, pois estava ameaçando chover e vi um objeto sobrevoando o CT. Era um disco iluminado, ele fazia movimentos irregulares. Todos numa velocidade que nunca tinha visto.

-Era um Auro?

-Tenho certeza absoluta que sim! Ele apoiava, mas demorava para recompor. Mas é inegável, era um Auro não identificado.

-E depois? O que aconteceu?

-O Auro ficou ali, sobrevoando o centro de treinamento, baixou em determinado momento. Parecia que ia pousar, mas não, subiu novamente. Ficou mais uns minutos ali, aparentemente esperando algo. Isso por quase todo o treinamento. Quando os carros começaram a sair, ele pegou altitude e numa velocidade incrível cortou os céus. E foi isso. Depois desse dia não durmo mais. Não entendo, porque o Auro não desceu no CT para o treino. Não sei bem o que pensar. Será que estou louco?

-Não sei, Marcelo. Mas algo de estranho está acontecendo no São Paulo. E precisamos saber logo o que é. Manterei contato com o senhor. Qualquer novidade eu aviso.

-Obrigado amigo, será que é algo grave? Será que o Auro vai reaparecer algum dia?

-Esperamos que sim, esperamos que sim...

Nos despedimos e foi esse o momento mais estranho das últimas semanas. Onde está Auro? Porque não aparece nas relações como opção para a lateral? Esse é mais um mistério na Área 51 tricolor. Mas vamos descobrir.

CONTE SUA HISTÓRIA: GABRIEL PASSOS PERECINI

por Vinícius Ramalho



Como virei são-paulino: Graças ao meu pai que me influenciou e se esforçou para que eu seguisse o caminho correto.

Meu jogo inesquecível foi: Acho justo levar em conta apenas jogos em que estive presente no estádio e, com isso, ficarei com meu primeiro jogo no Morumbi, em 16/4/2006, dia do meu aniversário e estreia do Campeonato Brasileiro, que terminaria em título após 15 anos: São Paulo 1 x 0 Flamengo, gol do M1TO, de pênalti. Circunstâncias foram perfeitas.

Meu herói tricolor é: Rogério M1to Ceni

Meu SPFC de todos os tempos: Iremos em um clássico 4-2-2-2. Rogério Ceni (C); Cafu, Oscar, Dario Pereyra e Leonardo; Bauer, Toninho Cerezo, Pedro Rocha e Raí; Leônidas da Silva e Serginho Chulapa. Téc: Telê Santana.

Muito me dói deixar De Sordi, Noronha, Mauro, Roberto Dias, Chicão, Sastre, Remo, Careca, Muller, Canhotoeiro, Friedenreich e tantos outros de fora, mas infelizmente apenas 11 jogam e o São Paulo é gigantesco, com um mundo de ídolos e jogadores espetaculares e importantes. Missão parcialmente ingrata escalar esse time!

Minha história inesquecível: No dia 26/6/2015, fiz o que será, para sempre, o maior feito da minha vida: joguei no Morumbi, ao lado de Rogério Ceni. Neste "Vou Jogar no Morumbi", tive a oportunidade fazer todos os procedimentos de um jogador do São Paulo, mais uma preleção feita pelo Rogério.

Durante o jogo, pude tocar para o maior ídolo da história do São Paulo em três oportunidades e receber diretamente Dele em duas. Depois, o ápice da vida: peguei um pênalti no Morumbi e, ao me levantar, pude ver o M1TO vir na minha direção, correndo, para me abraçar pelo feito. Era uma série de utopias que se tornavam realidade!

A sensação é indescritível, é único, maior que qualquer coisa que eu possa viver diretamente. Depois, ainda tivemos a oportunidade de tirar uma foto com Ele, ao lado do gol do Sacrossanto, com cerca de 30 segundos para uma excepcional e surreal interação. Pude agradecê-Lo por tudo que Ele fez pelo São Paulo Futebol Clube e por proporcionar ou estar diretamente envolvido nos dias mais felizes da minha vida, além de dizer o que é fato para todo torcedor do São Paulo: eu te amo

Hoje, se eu fosse presidente do clube, mudaria: Provavelmente a blindagem excessiva que os jogadores possuem, aumentando a cobrança e exigindo comprometimento, e acabaria com qualquer medida que não fosse diretamente interessante apenas para o Clube, e não para quem o dirige. Procuraria pessoas que pudessem juntar qualidade para gestão com amor à instituição. Nada de extremos, como por exemplo ou ter time, ou dinheiro. Ou vender todo mundo, ou não pagar salários.

Minhas três maiores razões para ser eternamente Tricolor são: amor incondicional, gratidão eterna e prazer único.

Quer participar desta seção e contar sua história? Envie um e-mail para contesuahistoria@revistatmq.com.br ou preencha o formulário em www.revistatmq.com.br/csh

JUNTE-SE A NÓS #SEJA SÓCIO

LUIS FABIANO - SÓCIO TORCEDOR Nº 2.632



Seja sócio do seu time, ajude o nosso futebol e

GANHE DESCONTOS

em produtos e serviços como você nunca viu.



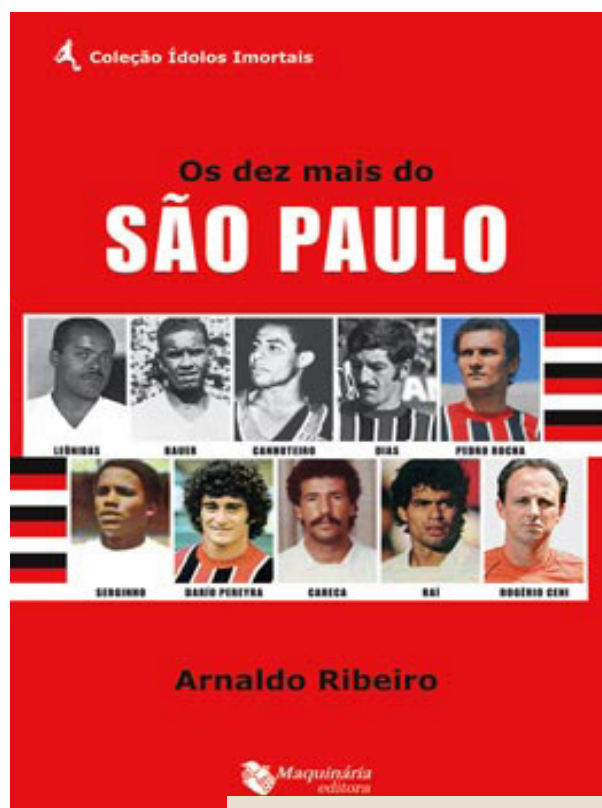
... E O SALÁRIO, Ó!



Lucas Martins

OS DEZ MAIS DO SÃO PAULO COLEÇÃO ÍDOLOS IMORTAIS

por *Fabrcio Gomes*



Autor: Arnaldo Ribeiro

Ano: 2009

Páginas: 184

Editora: Maquinária

Olá Amigos! Escrever um livro não é tarefa fácil. Escrever um livro sobre uma lista é ainda pior. Agora, escrever um livro sobre uma lista dos dez maiores jogadores do SPFC então? É tarefa quase impossível, mas que foi bem realizada pelo competente jornalista Arnaldo Ribeiro nesta obra de 2009, que faz parte de uma coleção que se propôs a fazer o mesmo com outros clubes também.

E como definir quais seriam os 10 homenageados? O modo escolhido foi a votação direta: 8 jornalistas esportivos e 2 personalidades tricolores votaram em seus 10 mais. Os eleitores foram, além do próprio Arnaldo: Alberto Helena Jr., Conrado Giacomini, José Maria de Aquino, José Paulo de Andrade, Paulo Planet Buarque, Rodrigo Bueno e Victor Birner. As personalidades escolhidas foram o ex-Superintendente de Futebol, o grande Dr. Marco Aurélio Cunha e o ator Cássio Gabus Mendes. Os mais votados por este time de especialistas foram: Raí e Ceni (9 votos), Canhoteiro (8 votos), Pedro Rocha, Careca e Dias (7 votos), Leônidas, Dario Pereyra e Serginho Chulapa (6 votos) e Bauer (4 votos).

A trajetória de cada um destes tricolores é contada neste livro, que ajuda a mostrar os motivos que elevaram o São Paulo Futebol Clube ao seu status de vencedor. Desde os tempos anteriores a Leônidas, o Mais Querido demonstrava o seu potencial, mas a partir dele, tomamos o lugar de destaque mais do que merecido dentre os clubes de futebol.

Os escolhidos possuem tanta identificação e tantas histórias para serem contadas e lembradas, que o jornalista Rodrigo Bueno define assim: "O São Paulo não teve o melhor dez da história, mas tem o melhor dez mais da história.". Já José Paulo de Andrade resume da seguinte forma: "Escolha difícil, mas esses dez nomes emblemáticos representam a síntese da história do SPFC.".

Para quem não o conhece, Arnaldo Ribeiro é são-paulino e jornalista esportivo tarimbado, trabalhando nessa área desde 1992. Atualmente na rede ESPN.

Um abraço e boa leitura!



"MENUDOS DO MORUMBI" 30 ANOS DE UM FUTEBOL ALEGRE E COMPETITIVO!

O presidente Carlos Miguel Aidar justifica o desmanche e a aposta em jovens jogadores com o sucesso desse time que encantou os torcedores tricolores, contando com jovens revelados pela base são-paulina. Conheça a história de um dos maiores esquadões tricolores de todos os tempos.

por RONEY ALTIERI

Quantos grandes esquadões já existiram na história do São Paulo Futebol Clube? Quantos desses grandes times vocês tiveram a oportunidade de ver? Os mais velhos, como meu querido pai (o "seo" Nilton) certamente dirão que os esquadões supercampeões dos anos 40 com Leônidas, Sastre, Remo, Bauer, Noronha eram imbatíveis.

Outros não tão idosos vão lembrar do time de Zizinho que em 57 nos deu um dos Paulistões mais disputados da história. Outros logo se lembrarão do Tricolor "Pós-Morumbi" de Gerson e Pedro Rocha, bicampeões paulistas depois de um longo jejum.

E o time do Minelli, limitado tecnicamente, mas de uma força de vontade gigante, campeão Brasileiro de 77? E os times megacampeões montados por Telê nos anos 90? Como esquecer enfim dos três brasileiros seguidos conquistados por Muricy Ramalho e seu time de guerreiros? Haja cerveja aberta pra tanta discussão de qual deles foi melhor ou mais eficiente.

Porém, um período que ficou inesquecível para muitos de nós são paulinos e um dos maiores times que com certeza montamos foi aquele que teve como comandante Otaclio Pires de Camargo, mais conhecido como Cilinho.

Estávamos quase na metade dos anos 80 (mais precisamente em 84) quando a forte equipe montada no início dessa década já começava a dar sinais de cansaço depois dos vices brasileiro de 81 e paulista 82, do bi-paulista 80/81 e, claramente, necessitava de uma reformulação. E quem mais poderia fazer esse trabalho que não fosse Cilinho?

Conhecido pela facilidade em descobrir e revelar novos valores, Cilinho chegou ao São Paulo em Junho de 1984 substituindo a Mario Travaglini (o Prof. Valdir Joaquim de Moraes cuidou do time em algumas partidas), tradicional treinador da época. A partir daquele momento o São Paulo não seria mais o mesmo!

Observador que era, Cilinho logo passou a olhar com maior cuidado para as categorias de base, não sem antes montar a "espinha dorsal" do time, garantindo para a zaga Oscar e Dario Pereyra, remanescentes daquele vitorioso time de anos anteriores e recebendo de presente nada mais nada menos que o meia Pita e Careca que já estava conosco a um ano, porém frequentemente lesionado.

Importante lembrar que nesse período Casagrande – sim, o atual comentarista esportivo – veio por empréstimo de um clube adversário e fez chover por aqui. Pena que não tenha ficado muito tempo.

E aos poucos o time foi "pegando liga". Surgiram Muller, Silas, Sidney, além de outros que começaram dar ao time um vigor técnico aliado a uma disciplina tática fantásticos a tal ponto da equipe mesmo perdendo a classificação do Brasileiro de 85 em pleno Pacaembu (o Grêmio vencia por 2x0 e o São Paulo empatou na base da raça), terminada a partida, ser aplaudida de pé pela torcida (eu estava lá!)

Quem não se lembra nesse jogo do polêmico gol de cobrança de falta do Grêmio, que Tonho "deixou entrar"? José Roberto Wright teria ou não levantado o braço indicando que a cobrança deveria ser em dois toques? Ainda hoje juro que sim...

Como esquecer, também, nesse mesmo ano os lendários 4x4 contra a SEP no Pacaembu (eu também estava lá)? Ainda hoje fecho os olhos e vejo todo o desenho da jogada e os dribles de Pita, desmontando a defesa alviverde e entrando quase de bola e tudo diante de um sentado goleiro Leão. E pensar que ainda tivemos um pênalti perdido para cada lado. Verdadeiro jogo para cardíaco algum botar defeito.

Esse time voava.

Silas e Muller se entendiam como poucos; Sidnei nos fazia esquecer por instantes de Zé Sergio; Careca maltratava os adversários e, lá atrás, Oscar e Dario Pereyra garantiam a segurança da defesa.

Mas, como alegria pouca é bobagem, chegaram ainda Gilmar para o gol e Paulo Roberto Falcão – sim, o Rei de Roma – para completar o elenco. Logo que chegou Gilmar assumiu o posto que desde Waldir Peres não encontrava dono e tinha sido de Abelha, de Tonho e de Barbirotto, que não haviam convencido na meta tricolor.

Já com o Rei de Roma foi diferente. Logo que chegou (e eu estava na estreia dele) sentiu na pele o comando irreduzível de Cilinho. De nariz torcido, o técnico desafiou a "lei da física" e colocou no banco um dos maiores jogadores do planeta de todos os tempos. Para Cilinho era Marcio Araújo (uma de suas crias) e mais dez!

E para quem esperava uma atitude intempestiva de Falcão, acabou surpreendido com a classe e a humildade do camisa 5, que ficou no banco sem reclamar de nada, num dos episódios que mais agitou as redações dos jornalistas esportivos da época.

O "entra e sai" de Falcão terminou nas semifinais do Paulistão contra o Guarani. Um empate em Campinas e uma vitória irrepreensível aqui no Morumbi (com direito a dois gols de Careca) deram ao maestro lugar cativo no time, onde pode esbanjar a sua internacional categoria.

Porém seria nas finais que o time tricolor atingiria o ápice técnico e tático da fase Cilinho. Diante de uma Portuguesa muito bem arrumada por Jair Picerni e tendo como grande líder o já quase veterano Luis Pereira, o Tricolor esbanjou categoria nos dois jogos.

Na primeira partida (de tirar o fôlego!) um 3x1 com dois gols de Careca (abro aqui um parêntese para exaltar os camisas 9 que realmente dignificaram nossa história gloriosa. Careca marcou nada mais nada menos que quatro gols em quatro partidas decisivas!) para um público de quase 95 mil pessoas. No segundo e decisivo jogo, com direito a susto com o chute do meio campo desferido por Edu que bateu no travessão, para desespero de Gilmar, e com gols de Sidney e Muller, o São Paulo levantou o seu 14º título Paulista na presença de 104 mil pessoas no Morumbi.

Épico! Gigantesco! Uma conquista para não mais esquecer. Os "Menudos do Morumbi", um time para entrar na história dos nossos grandes esquadões!

Avante "Tu és forte, Tu és grande" Tricolor!

ONDE ESTÁ O DIRETOR DE FUTEBOL?

por Magno Nunes



Houve um tempo em que as coisas no São Paulo aconteciam e ninguém (ou quase) sabia. O vestiário era blindado por figuras que sabiam que determinadas coisas deviam ficar só ali. Era uma época em que o tricolor se orgulhava da alcunha de “clube diferente”. Administração competente, bastidor blindado, jogadores com salários em dia e o fruto disso eram títulos. Isso aconteceu outro dia. Nem é coisa de décadas e décadas passadas. Pois é, o São Paulo desaprendeu?

E onde está José Eduardo Chimello? O novo gerente de futebol não deu as caras. Daí você nosso leitor deve pensar “Mas é a função dele fazer essa blindagem?”. A função de gerente de futebol não é bem essa, mas no passado foi. Então, porque não seguir o “formato” do passado e colocar em prática agora?

Na saída de campo, na partida contra o Fluminense, Michel Bastos esbravejou contra sua substituição.

Uma atitude normal, que mostra

insatisfação, segundo ele mesmo, pelo seu futebol que não ajudou o time.

Nas redes sociais, horas depois do jogo, Centurión também expressou sua insatisfação. Trocando em miúdos, ele disse que “jogando 10 minutos e vindo do banco não dá pra fazer milagre”.

Concordo com os dois. Michel reclamou pois crê que pode dar mais, e não está conseguindo. E Centurión, “o rei do dibre” precisa jogar mais. Entrar de titular, assim ganha confiança, se sente mais seguro para tentar algo, e quem sabe decidir jogos como já fez entrando menos.

“Mas ali em cima você citou o Chimello, o que tem ele?”. Ouvi uma história que na época que passou pelo São Paulo, em uma ocasião, Adriano estava descontrolado. Resultado: quebrou o vestiário todo. Seu acesso de fúria fora controlado por Marco Aurélio Cunha. O pequenininho homem forte do futebol estava ali para apagar incêndios, e era isso que fazia.

Esse problema de Adriano, como outros

tantos durante sua passagem pelo tricolor não vieram à tona. Ficaram ali, no vestiário. Tempos que a blindagem de determinadas situações era importante para que o grupo pudesse absorver a situação de cabeça fria, e refletir sobre o que estava acontecendo.

Hoje o que vemos é jogador indo na imprensa e dizer que veio para o clube pois sempre ouviu dizer que o “São Paulo não atrasa”. Outro, na beira do campo, diz que “tomamos o gol e sabemos quem errou”. Por algum motivo, o perfil de rede social de um terceiro jogador curte uma foto em rede social no intervalo de um clássico.

Falta um cara ali que diz “O FULANO, AQUI É O SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE! VAMOS RESPEITAR E RESOLVER AS PENDÊNCIAS EM CASA?”.

Se essa é a do Chimello eu não sei, mas o que se grita é que ele deixou o ambiente no Ituano muito bom, era o elo entre jogadores e diretoria. Então porque raios não está fazendo isso no São Paulo? E outra, posso estar com problemas de visão, mas não vi este senhor dar uma entrevista sequer falando da atual situação. Será que ele está deixando o clima melhorar?

Se for isso, um abraço a você, Chimello. Assistindo de camarote as coisas pegarem fogo. O São Paulo precisa de ajuda. O momento mais delicado de nossa história está por vir, precisamos mais do que fé para passar por isso. E serão dias negros.

Resta saber: quem vai assumir as responsabilidades? Ou eles acham que o torcedor é o culpado?

Com chuva, sol, frio ou calor eles estão lá, nas arquibancadas. E devem ser respeitados.

A Revista TMQ deixa aberto o espaço para quaisquer esclarecimentos sobre os assuntos tratados acima.

ALGUÉM ACENDA A LUZ

por Renato Ferreira



Foto: Gazeta Press

Nação Tricolor, o último mês foi de alívio para alguns torcedores, mas tenebroso para outros e principalmente para o técnico Juan Carlos Osorio. Deu a louca no patrão e, como numa liquidação, Aidar saiu vendendo jogadores. Ficou a sensação de que o último a sair apagaria as luzes. Muitos comemoraram as saídas de Denílson e Paulo Miranda (inclusive este que vos escreve), mas teriam gostado da permanência de Rodrigo Caio.

Osorio desaprovou as saídas e ficou em uma saia justa com a diretoria.

Perdeu um volante titular, um zagueiro e um coringa que atua tanto na zaga quanto no meio. Além destes, o argentino Cañete rescindiu seu contrato, Doria pode não renovar o empréstimo e sair no meio do ano, Jonathan Cafu, jovem que pouco foi aproveitado até então, tem proposta e pode sair, além de Pato e Ganso que possuem sondagens – o primeiro inclusive tentou, sem êxito, se desligar do “time do outro lado” na justiça, o que encerraria o vínculo de empréstimo com o SPFC. As vendas

foram importantes para acertar as contas do clube. Somente com o valor da negociação de Rodrigo Caio, o Tricolor consegue quitar todos os direitos de imagens atrasados com o elenco. As finanças do clube não vão muito bem e o dinheiro das vendas de jogadores veio bem a calhar no momento. Porém, lembrando que disputamos agora, um campeonato longo e desgastante, o Brasileiro.

Com um elenco enxuto, o desgaste dos jogadores irá cobrar o desempenho mais pra frente. É necessário repor. Não sou a favor de contratações astronômicas, mas, de bons nomes vindos de clubes de menor expressão, assim como aconteceu na formação do elenco vencedor de 2004 a 2008. Bons jogadores, vindos sem pompa e que mostraram serviço.

A diretoria está reticente à ideia de novas contratações e aposta no atual elenco e em garotos subindo da base. Sou totalmente favorável à ideia de utilizar a base, porém, os garotos devem subir com critério e não podem ser cobrados de imediato, tanto por

comissão técnica, quanto por torcida.

Osorio ficou famoso na Colômbia por utilizar muitos garotos vindos das categorias de base e isso dá uma certa calma para que funcione. Mas é nítido que em alguns setores, principalmente defensivo, precisamos de pelo menos uma ou outra peça. Um zagueiro e um volante já seriam reforços consideráveis, haja vista as opções que dispomos em ambas as posições.

Fato que a contratação de Osorio foi uma medida para dar maiores resultados a médio e longo prazo, mas o time precisa estar bem neste começo de campeonato, mantendo-se sempre na parte de cima da tabela, para que haja motivação – assim, certamente, brigaremos pelo sétimo título nacional. E somente com um elenco que reponha as peças com qualidade é que será possível isto.

Não podemos ficar no escuro. Que as luzes apagadas pelo último que sair, sejam acesas por aqueles que chegaram.



Revista TMQ

**toda 1ª segunda-feira do mês
você conta com um novo meio para
saber tudo sobre o São Paulo Futebol Clube.**

@RevistaTMQ

facebook.com/RevistaTMQ

www.revistatmq.com.br